

Roteiro para refletir a catequese

Transmitir a fé num mundo complexo

1. Um jeito de SER... para pensar a renovação

Pensar a renovação catequética, na comunhão eclesial, implica ter em conta a dupla fidelidade a “Deus e ao Homem” (CT 55 e DGC 145). Fidelidade que, no nosso HOJE, desafia a:

- **Disponibilizar o coração e a mente** em jeito de mãos abertas, numa atitude de escuta, de humilde, desprendimento, ‘démaîtrise’, despojamento, gratuidade, entrega...;
- **Orar, viver** o encontro e o diálogo com Jesus Cristo, no Espírito, em comunhão com o Pai, para que seja o mesmo **Espírito o Autor da missão**, da renovação (só Ele sabe o que nos faz falta e conhece as entranhas do coração humano);
- **Ultrapassar o «ativismo»**, há alguns dias atrás, veio ter às nossas mãos um texto editado na “Voz da verdade”. Será um trecho interessante para meditar na hora de “preparar ou fazer catequese” na hora de pensar sobre a realidade catequética:

«As crises do tempo presente, variadas na sua forma e na sua substância, têm a vantagem de pôr a nu muitos dos défices que hoje atravessam as nossas vidas e instituições. Com crua evidência vai-se hoje tornando mais claro como as insuficiências do presente têm, com frequência, as suas causas em insuficiências do nosso passado. O que não semeámos ontem não podemos colher hoje. O que não semearmos hoje não poderemos colher amanhã.

Seria redutor ver nesta observação apenas a descrição do que, por estes tempos, se vai verificando na sociedade portuguesa e na sua economia. Estou em crer que algo disto se vai também tornando visível na vida eclesial. Em tempos que «pedem nova evangelização» (D. Manuel Clemente), também a Igreja é levada a rever as formas como vem semeando o Evangelho. Isto sem ignorar tudo o que essas formas trouxeram de bom (e é muito), mas também sem esconder tudo o que há nelas de deficitário.

Vai-se hoje consolidando a convicção de que um dos vícios em que a ação eclesial pode sempre incorrer é, precisamente, o do ativismo. Para isso muito tem contribuído o amadurecer da fé nas famílias e comunidades cristãs, mas também os reiterados alertas dos seus pastores (Papas e Bispos). **O ativismo será uma espécie de**

-excesso de generosidade que leva a confiar mais no engenho humano que na graça divina; a investir tudo no fazer e não tanto no que lhe pode dar suporte. Os riscos são óbvios: um modo de agir decalcado dos procedimentos do mundo; uma Igreja moldada mais a partir das nossas realidades do que de Deus e da sua Palavra.

A crítica a uma tal atitude concentra-se, sem grandes exceções, na denúncia de um **défice de oração na vida e ação eclesiais. O ativismo é**

-um défice de oração, é um défice de densidade espiritual. Com efeito, a oração como que recoloca qualquer gesto eclesial no sítio certo: como extensão de um encontro íntimo com o próprio Senhor; como um impulso de ordem espiritual, não tanto como uma técnica institucional. A oração será pois o antídoto mais recomendado para obviar ao ativismo.

Não discordo nem do diagnóstico nem da solução proposta. Parece-me, contudo, que há no ativismo ainda um outro défice não suficientemente percebido e, portanto, ainda não verdadeiramente enfrentado:

-um défice de reflexão. O ativismo é também um défice de pensamento, um défice de densidade intelectual. Fazer sem parar para refletir no que se faz, como se faz, para que se faz, para quem se faz tende a criar um deserto e um desgaste em tudo semelhantes àqueles criados pela ação desacompanhada da oração. E mesmo quando essa oração até está presente, se a ação ainda assim não procura pensar-se a si própria normalmente sobra-lhe em fervor espiritual o que lhe falta em discernimento e sabedoria. Em tempos de crises, será precisamente de discernimento e sabedoria que mais andaremos necessitados. Sabedoria que, não por acaso, é na Sagrada Escritura um dos nomes de Deus.»¹

Que interrogações sugerem e desafios propõem:

- excesso de generosidade?
- défice de oração?
- défice de reflexão ?

¹ P. Alexandre Palma, Igreja tem défice de reflexão, *In Voz da Verdade*

- **Refletir/Analisar**, olhar a realidade, com os “olhos do Abba” e o “jeito de viver de Jesus” à luz da Palavra, para compreender o coração humano, inserido e a braços com o mundo complexo da pós-modernidade;

- **Implementar e recriar itinerários** catequéticos adequados e significativos que partam da cultura, da realidade de cada pessoa e favoreçam o encontro com Jesus Cristo e com a comunidade cristã. Itinerários em que se entretêm espaços, tempos e experiências que convidem e permitam que seja possível, no século XXI, «Deus invisível, na riqueza do seu amor fala -fale- aos homens como amigos e convive -conviva- com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele.» (Dei Verbum 2)

- **Viver um jeito de SER - ESTAR - FAZER** missão que *«escute as aspirações dos nossos contemporâneos, que se coloque ao serviço ‘do que está a nascer’, acompanhando, com discernimento e competência uma regeneração da qual nós não somos os autores nem os mestres. Trata-se de agarrar as oportunidades novas que nos são oferecidas sem que as tenhamos programado.*

Nesta pastoral, parte-se do princípio de que o ser humano é «capaz de Deus». Não nos é pedido de criar nele esta capacidade, não temos o poder de lhe comunicar a fé (...) por isso, a fé de um novo crente será sempre uma surpresa e não o fruto dos nossos esforços, embora resulte de um trabalho, pois a fé não se transmite sem nós. Todavia, não temos o poder de a comunicar. O nosso dever é de velar as condições que lhe são necessárias para que esta seja possível, compreensível, praticável e desejável. O resto é uma questão de Graça e de Liberdade. (...)

Forma de estar em missão que implica três atitudes *«que se articulam entre elas segundo um movimento em três tempos:*

- *ir em direção ao outro,*
- *encontrar-se com ele, solidarizar-se, dialogar*
- *‘s’effacer’, ocultar-se, desaparecer... para autorizar, tornar o outro autor.»²*

² THEOBALD, Christophe, L’Évangile et l’Église, dans Ph. BACQ et Ch. THEOBALD (dir.), Passeurs d’Évangile, Lumen Vitae/Novalis/ Les éditions de l’Atelier, France, 2008, p. 62 e 63

2. Roteiro para reflectir a realidade catequética

Proposta de itinerário para reuniões/formação de catequistas e de outros agentes de pastoral com a finalidade de reflectir a ação catequética:

Sugere-se que, a partir dos textos do Diretório Geral da Catequese, do Documento da Comissão Episcopal, Para que Acreditem e tenham vida, Catequese Tradendae, Evangelii Nuntiandi... se programem vários encontros para reflectir o acto catequético. Encontros que poderão ser organizados em jeito de “itinerário de formação permanente”.

A formação, implica um percurso e não apenas conferências ocasionais. Supõe um vai e vem: entre olhar e reflectir a realidade, entre compromisso e avaliação, entre a transformação do SER e do FAZER. Convida a ouvir e tomar a palavra. Exige um tempo de silêncio e oração. Como poderemos falar de formação e de renovação sem implementar itinerários com estas características?

A “fidelidade a Deus e ao Ser Humano” implica que a ação missionária/evangelizadora esteja sistematicamente em renovação e a renovação implica, de facto, reflexão e compromisso na transformação do evangelizador e da ação da Igreja, implica parar, orar, reflectir e comprometer-se.

Roteiro para a reflexão

a- **Toda a análise catequética deves ter em conta o que a Igreja entende por ‘catequese de iniciação’:**

Se «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.³» e a finalidade última da catequese é «pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade, com Jesus Cristo⁴» então, «a Catequese consiste na **incorporação no mistério de Cristo e da Igreja** através dos três sacramentos da iniciação e da **aprendizagem e treino** nas várias dimensões da fé:

- **conhecimento** do essencial do mistério cristão;
- **celebração** da fé na Eucaristia e nos sacramentos;
- **união com o Senhor na oração**;
- **prática do Evangelho** na caridade e no serviço.⁵»

Por isso, a catequese dá continuidade à pedagogia de Deus, de Jesus em « fidelidade a Deus e fidelidade à pessoa humana, numa única atitude de amor⁶» onde procura:

- «promover uma síntese progressiva e coerente entre a plena adesão da pessoa a Deus (*fides qua*) e os conteúdos da mensagem cristã (*fides quae*);

³ Bento XVI, *Deus Caritas Est*, nº1.

⁴ CT 5, DGC 80.

⁵ CEP, *Para que acreditem e tenham vida*, 2005.

⁶ CT 55.

- desenvolver todas as dimensões da fé, de modo que ela se traduza em fé conhecida, celebrada, vivida e rezada;
- incentivar a pessoa a entregar-se «livre e totalmente a Deus»: inteligência, vontade, coração, memória;
- ajudar a pessoa a discernir a vocação à qual o Senhor a chama.

Assim, a catequese realiza, ao mesmo tempo, uma obra de iniciação, de educação e de ensino.»⁷

b- Qualquer percurso de análise da realidade requiere um modelo

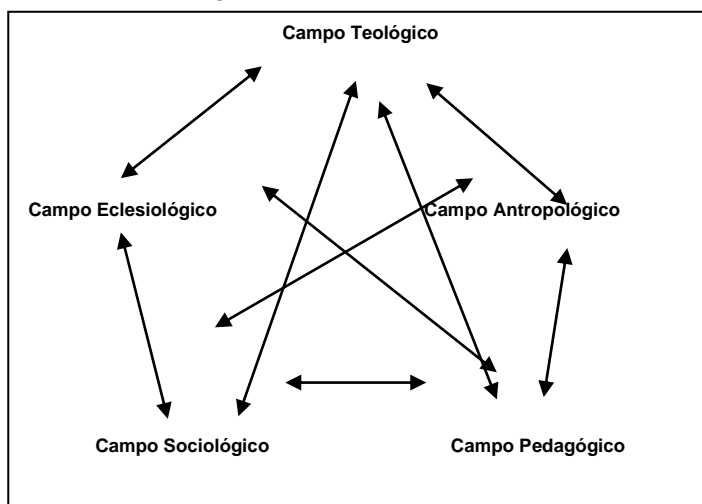
Atendendo às características da sociedade pós-modernidade, propõe-se um ‘modelo sistémico’, pensado para a leitura de realidades complexas. Modelo que implica uma leitura diacrónica da realidade a partir de um conjunto de campos, isto é, de dimensões da realidade que se influenciam mutuamente e caracterizam o acto catequético. «Cada um dos campos não exclui os outros mas apenas se apresenta como uma dominante que influencia profundamente o pensamento e a acção. A interdependência dos campos não é nem hierárquica nem linear mas circular, funciona de forma sistémica.

Sistémica pela interacção dos campos uns nos outros e pelo seu funcionamento dependente. Alterar um dos dados altera os outros dados. Nenhum campo pode ser analisado separadamente.»⁸

Traduzindo numa outra linguagem poderá dizer-se que na catequese se reúnem:

- o Ser Humano do século XXI (antropologia);
- a imagem que de Deus temos e a quem rezamos (teologia);
- a Igreja/Comunidade que somos (eclesiologia);
- a Sociedade em que vivemos (sociologia);
- a Pedagogia que implementamos (pedagogia)...

De forma visual poderemos representar o sistema de análise da seguinte forma:



⁷ DGC 144

⁸ VILLEPELET, Denis - *L'avenir de la catéchèse*, L'atelier, 2003

No quadro, abaixo indicado, é possível ler a realidade na conjugação de cinco campos de influência que, quando colocados em diálogo permitem compreender a evolução e/ou complexidade da realidade catequética:

Campo Teológico	Campo Eclesiológico	Campo Antropológico	Campo Sociológico	Campo Pedagógico
Teocêntrico	Igreja Corpo de Cristo	Indivíduo Parceiro da instituição	Sociedade Alicerçada na tradição	Pedagogia do “Ensino” <i>enunciar-memorizar- repetir</i>
Cristocêntrico	Igreja Povo de Deus	Indivíduo Actor social	Sociedade “Evolucionista” (moderna)	Pedagogia da “Aprendizagem” <i>experiencia de fé- modelo antropológico</i>
Pneumatocêntrico	Igreja Templo do Espírito	Indivíduo Sujeito	Sociedade Complexa (pós-moderna)	Pedagogia da “Iniciação” <i>iniciação integral: toda a pessoa/vida é implicada de inspiração catecumenal</i>

Quadro analítico da realidade desde o Concílio de Trento. Adaptado⁹

O entrelaçar destas coordenadas significa a procura da «fidelidade a Deus e ao Homem» (cf CT5) no “Ministério da Palavra”. A transmissão/comunicação da fé é um ato complexo que implica ter em conta a Revelação, as características do acto de fé, a pessoa e a comunidade/sociedade. Todas as coordenadas são implicativas na hora de fazer opções catequéticas. A originalidade da pedagogia de Deus e de Jesus são eloquentes neste sentido.

⁹ VILLEPELET, Denis - *L'avenir de la catéchèse*, L'atelier, 2003

c- Proposta de perguntas para facilitar a reflexão sistémica e o diálogo à partir dos campos apresentados no quadro (acima indicado)

Do ponto de vista teológico/bíblico/espiritual

- Que rosto de Jesus Cristo/Deus/Espírito Santo damos a ver e a ouvir aos nossos catequizandos?
- Como narramos e interpretámos a história da salvação?
- A nossa catequese é, de facto, uma “boa notícia”?
- Criarmos o desejo de conhecer a Palavra?
- Como integramos a narrativa da vida de cada catequizando e da comunidade na história da salvação?
- Como educamos para a interioridade, a oração?
- Que lugar tem o silêncio na catequese ... ?
- Que vida de oração tem o grupo e como se integra na vida de oração da comunidade?
- A nossa catequese faz surgir e alimenta o desejo de conhecer e encontrar-se com Jesus Cristo?
- A nossa catequese chega à sua finalidade “pôr as pessoas não só em contacto mas em comunhão com Jesus Cristo”? ...

Que desafios para a renovação catequética?

Do ponto de vista eclesial/pastoral

- Que rosto de comunidade damos a ver e a viver aos nossos catequizandos (como nos amamos e como “transpiramos Jesus Cristo”)?
- Que redes de comunicação/partilha/vida criamos no grupo e do grupo com a comunidade (comunidade de irmãos)?
- Como os implicamos na vida da comunidade?
- Que interação desenvolvemos com os outros grupos paroquiais?
- Que lugar assume a eucaristia na vida e na missão?
- Como ajudamos a comunidade a assumir a sua responsabilidade catequética (a responsabilidade de gerar filhos na fé)? ...
- Que desafios para a renovação catequética?

Do ponto de vista antropológico

- Que criança, jovem adulto somos nós?
- Como se experimenta a “crise de acreditar/confiar” como experiência vital?
- Que dificuldades na construção da identidade, na socialização?
- Como se vivem os laços e os afectos?
- Que potenciais oferecem o ser humano livre, autónomo, criativo?
- Qual a problemática ética/moral da posmodernidade?
- Que influências aos laços humanos traz o mundo da comunicação/web? ...

Que desafios para a renovação catequética?

Do ponto de vista sociológico/institucional (sociedade, família, escola)?

- Que implicações no sujeito e na catequese tem a sociedade pluralista, complexa, líquida, ...?
- Que família (pontos fortes e dificuldades)?
- Que escola (pontos fortes e dificuldades)?
- Qual a situação das instituições na sociedade?
- Como é vivida e pensada a educação nos diferentes âmbitos sociais? ...

Que desafios para a renovação catequética?

Do ponto de vista catequético/educacional/pedagógico

- Quais as características da nossa catequese? Que questões se levantam?
- A nossa catequese inicia para a vida na fé?
- Qual a natureza, finalidade e tarefas da catequese?
- Que entendemos por catequese de iniciação?
- Que entendemos por pedagogia de: ensino/aprendizagem/iniciação?
- Qual o lugar dos catecismos no itinerário catequético?...

Que desafios para a renovação catequética?

Do ponto de vista do evangelizador/catequista

- Qual o perfil de catequistas mais adequado à catequese de hoje?
- Tendo em conta a realidade, que formação será necessária para os catequistas do ponto de vista bíblico/eclesial/catequético/ciências da educação/ciências humanas...?

Que desafios para a renovação catequética? Que desafios para o evangelizador/catequista

Análise global

- Como é que cada campo influencia os outros? De que forma?
- Como é que o campo da teologia/espiritualidade afecta os outros campos?
- Como é que o campo da eclesiologia influencia os outros campos?
- De que forma a antropologia desafia os outros campos?
- Que peso tem a sociologia no entrelaçar dos outros campos?
- E no meio de tudo isto como se situa o evangelizador do ponto de vista pedagógico?...
- ...

*“Oxalá todas estas considerações, escreveu o Beato João Paulo II na Exortação Apostólica Catequese para hoje, (...) consolidem em nós o fervor para com Cristo, o Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo e que fala, desperta, comove, corrige, julga, perdoa e caminha todos os dias connosco pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há-de vir na glória. **É somente em profunda comunhão com Ele que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese**¹⁰.”*

+Pio Alves, Administrador Apostólico
Aos catequistas em Espinho, 28 de setembro de 2013

M^ª Isabel Azevedo de Oliveira

¹⁰ João Paulo II, *Catechesi tradendae*, 9.